

VACINAÇÃO: O FAZER DA ENFERMAGEM E O SABER DAS MÃES E/OU CUIDADORES*VACCINATION: THE NURSING DO AND THE MOTHER AND/OR CARETAKER'S KNOWLEDGE**VACUNACIÓN: LA INTERVENCIÓN DE LA ENFERMERÍA Y EL CONOCIMIENTO DE LAS MADRES Y/O CUIDADORES*

VANESSA GOMES DE OLIVEIRA¹
 KARILENA KARLLA DE AMORIM PEDROSA²
 AKEMI IWATA MONTEIRO³
 ANA DULCE BATISTA DOS SANTOS⁴

Observa-se na prática das unidades de saúde, ainda hoje, o pouco conhecimento das mães sobre o processo de vacinação e pouco envolvimento do enfermeiro nesse processo, principalmente na área de educação em saúde. O objetivo é identificar as ações de enfermagem na sala de vacina e descrever o conhecimento das mães/cuidadores acerca da vacinação infantil. Estudo exploratório-descritivo com abordagem quantitativa. A população foi composta por 43 mães e/ou cuidadores e 10 profissionais de enfermagem. Ocorreu em duas Unidades de Saúde da Família, na Zona Oeste de Natal/RN, em novembro e dezembro/2008. A maioria das mães (88,4%) conhece a importância de vacinar a crianças, embora não saibam quais as vacinas estão sendo dadas e para quais doenças são destinadas. A maioria dos profissionais prioriza mais a técnica do que a atividade educativa. Percebe-se, portanto, que há lacunas no saber das mães/cuidadores e nas ações de enfermagem que visem um trabalho promocional na sala de vacinação.

DESCRIPTORIOS: Vacinação; Enfermagem; Conhecimento; Educação.

It is observed, still nowadays, in the health units' practice, little knowledge of the mother concerning vaccination and not so much involvement of the nurse in such process. This research aims to identify the nursing actions in the vaccination room and describe the knowledge of mothers or caretakers about childhood vaccination. This type of study is exploratory-descriptive with quantitative approach. The population consisted of 43 mothers and/or caretakers and 10 nurses. It took place in Units of Family Health (USF) in the west area in Natal/RN, in November and December/2008. The majority of the mothers (88.4%) know the importance of vaccination for their children, even though they know which vaccines their children are receiving and for which diseases they are destined. The majority of the professionals give more priority to the techniques than to the educational activity. It is noticed, however, that there are gaps in mothers or caretakers' knowledge as well as in nursing actions which aim a promotional work in the nursing room.

DESCRIPTORS: Vaccination; Nursing; Knowledge; Education.

Hoy día aún se observa en las prácticas de las unidades de salud, que las madres saben muy poco sobre el proceso de vacunación y que el enfermero se involucra poco en ese proceso, principalmente en el área de educación en la salud. El objetivo de este estudio es identificar las acciones de enfermería en la sala de vacunación y describir el grado de conocimiento de las madres/cuidadores sobre la vacunación infantil. Estudio exploratorio y descriptivo con enfoque cualitativo. La muestra se formó con 43 madres y/o cuidadores y 10 profesionales de enfermería. Los datos fueron recolectados en dos Centros de Salud de la Familia, en la Zona Oeste de Natal/RN, en noviembre y diciembre/2008. La mayoría de las madres (88,4%) está al tanto de la importancia de vacunar a los niños, a pesar de que no sepan cuáles son las vacunas que se les está dando y qué enfermedades previenen. La mayoría de los profesionales prioriza más la técnica que la actividad educativa. Puede verse, pues, que existen vacíos de información en el conocimiento de las madres/cuidadoras y en las acciones de enfermería que visen un trabajo promocional en la sala de vacunación.

DESCRIPTORIOS: Vacunación; Enfermería; Conocimiento; Educación.

¹ Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Residente na Área de Terapia Intensiva Neonatal na Maternidade Escola Januário Cicco — UFRN. Endereço: Rua das Águias, 7988. Conj. Cidade satélite. Bairro: Pitimbu. CEP: 59067-430. Natal/RN, Brasil. E-mail: vanessaoliveira83@gmail.com

² Discente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC. Membro do Grupo de Pesquisa Enfermagem nas diferentes fases da vida (UFRN). Brasil. E-mail: karilena_pedrosa@hotmail.com

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto da UFRN, Departamento de Enfermagem. Brasil. E-mail: akemiiwata@hotmail.com

⁴ Enfermeira pela UFRN. Estudante de pós-graduação nível mestrado pelo programa de pós-graduação em enfermagem da UFRN. Bolsista CAPES. Brasil. E-mail: anadulcebs@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A vacinação é um recurso preventivo de extrema importância a toda população do mundo, que confere além da proteção individual contra sérias doenças, a proteção a comunidade, reduzindo a circulação de agentes infecciosos⁽¹⁻³⁾. A vacina para crianças e idosos é fundamental, uma vez que estes indivíduos se encontram, do ponto de vista imunológico, mais susceptíveis às doenças. No tocante às crianças, é imprescindível que sejam vacinadas durante seus cinco primeiros anos de vida para prevenir a ocorrência de várias doenças imunopreveníveis, como a difteria, tétano, coqueluche, meningite, poliomielite, hepatite B, tuberculose, diarreia por rotavírus, febre amarela, sarampo, caxumba e rubéola⁽¹⁻²⁾.

Essas doenças, até o século passado, dizimaram milhões de crianças no mundo e particularmente nos países em desenvolvimento. Entretanto, essa alta mortalidade foi reduzida consideravelmente devido aos investimentos dos organismos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Fundo das Nações para Desenvolvimento da Infância (UNICEF), erradicando as doenças imunopreveníveis através da imunização maciça de todas as crianças do mundo e, particularmente do Brasil. Além disso, desenvolveu-se outras tecnologias de baixo custo e alta eficácia, como a terapia de reidratação oral, o incentivo ao aleitamento materno, o acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento (CD) e a nebulização nas doenças respiratórias⁽¹⁾.

A redução da mortalidade infantil é possibilitada por meio da implantação do Programa Nacional de Imunização (PNI) do Ministério da Saúde, incluindo as estratégias de ações preventivas que incentivam a vacinação, como as campanhas, e a busca ativa dos pais e/ou responsáveis nas unidades de saúde da família para a vacinação de rotina. Além disso, a redução da morbimortalidade se deve a ampliação da cobertura vacinal e da cobertura dos serviços de saúde da assistência básica, e também à implemen-

tação do programa de assistência integral à saúde da criança⁽¹⁾.

O serviço de imunização transcende a demarcação de uma área para aplicação das vacinas, é preciso que se focalize o processo de vacinação como um todo, de acordo com o princípio da integralidade cujo objetivo é uma assistência humanizada e cidadã. O profissional de enfermagem atuante na sala de vacinação tem privilégio de intervir no processo saúde-doença de forma eficiente, possibilitando ao cidadão a adoção de um comportamento saudável e participativo, além do acesso consciente a um direito adquirido, contribuindo para um novo fazer da enfermagem na sala de vacina, baseada no conceito de promoção à saúde⁽⁴⁾.

Tendo em vista essas considerações, a sala de vacina das Unidades Básicas de Saúde (UBS), na qual ocorre a vacinação de rotina, é um local que está sob responsabilidade do enfermeiro. Dessa forma, este profissional é responsável por orientar e prestar assistência à clientela em condições seguras, com responsabilidade e respeito; prover o local com materiais e imunobiológicos, mantendo as condições ideais de conservação; manter os equipamentos em bom estado de funcionamento; acompanhar as doses administradas em acordo com a meta pré-estabelecida; averiguar os efeitos adversos ocorridos; fazer a busca ativa daqueles que não comparecem ao serviço para a vacinação; divulgar as vacinas disponíveis; capacitar a equipe; avaliar e acompanhar as coberturas vacinais; e buscar a atualização do conhecimento técnico-científico⁽⁵⁾.

Além dessas atividades, deve considerar, também, elementos multidisciplinares — como os das ciências sociais e da filosofia — relacionando experiências e valores dos indivíduos. Mas é possível observar na prática que há uma ênfase no desenvolvimento da técnica pela técnica e uma relativa falta de interesse pelo desenvolvimento político-cultural⁽⁵⁾.

Neste contexto, a educação em saúde exerce importante papel enquanto processo de comunicação e diálogo, uma vez que, o processo de promoção-prevenção-cura-reabilitação é também um processo

pedagógico, a medida que o profissional de saúde e o cliente-usuário aprendem e ensinam nessa relação dialógica. Esse conceito pode mudar efetivamente a forma e os resultados do trabalho em saúde, transformando os usuários em co-partícipes do processo de construção da saúde⁽⁶⁾.

Nesse processo pedagógico, é premente considerar, o conhecimento dos usuários como o conjunto de saberes e interações que esses indivíduos carregam das suas experiências formais e empíricas acerca de uma determinada experiência e que podem exercer influências sobre suas opiniões e atitudes.

No entanto, observa-se que o enfermeiro está envolvido com afazeres em todos os outros setores da UBS e os técnicos de enfermagem dedicam um tempo reduzido às ações educativas em saúde relacionadas à vacinação. O que pode influenciar no conhecimento das mães quanto às doenças imunopreveníveis, criando sentimentos de medo e indiferença em vacinar seus filhos. Sendo notório que a demanda ao serviço é mais acentuada pela busca de benefícios econômicos e sociais, em detrimento da compreensão sobre a prevenção das doenças⁽⁵⁾. Tornando necessário de que a enfermagem incentive a participação ativa das mães no processo de cuidado da saúde dos seus filhos, já que é uma prioridade para os serviços de saúde e, por isso, não se pode perder de vista. E ainda, cabe ao enfermeiro ficar atento e identificar os sinais verbais e não-verbais que podem demonstrar o interesse das mães, além de avaliar como sua postura profissional pode interferir no interesse e desempenho materno⁽⁷⁾.

Dentre os entraves da vacinação, destaca-se a ausência do enfermeiro na sala de vacinação e o distanciamento cada vez maior dos profissionais com relação a um dos seus objetos de trabalho primordiais, a educação em saúde. As várias pesquisas realizadas apontam as falhas e fragilidades no processo de trabalho da enfermagem que ocorre na sala de vacinação, e diante disso sugerem as mudanças necessárias a uma assistência adequada. Dentre estas mudanças, são sugeridos o estabelecimento de vínculo com os

usuários, através do aperfeiçoamento do processo comunicativo com as mães das crianças, contribuindo para a adoção de uma assistência que preze pela educação. Mesmo assim, ainda é notório a permanência desses problemas⁽⁴⁾.

Diante do exposto e da identificação de problemas no processo de vacinação durante a prática nas unidades de saúde pesquisadas, nas quais ocorrem práticas das disciplinas teórico-práticas e estágio supervisionado de alunos do 5º e 8º semestre de curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, surgiram os seguintes questionamentos relacionados à necessidade de investigar os fatores relacionados a essa assistência notoriamente inadequada: quais as ações desenvolvidas pela enfermagem no processo de vacinação? Qual o conhecimento das mães sobre as vacinas recebidas pela criança?

Contudo, o presente estudo poderá contribuir para subsidiar as ações educativas em saúde junto à demanda de vacinação, além de informar aos profissionais de saúde sobre o seu processo de trabalho durante a vacinação infantil.

A realização de um processo de trabalho qualificado na sala de vacinação, no qual as ações estão direcionadas para a educação em saúde, irá contribuir principalmente para a ampliação do conhecimento materno com relação à importância da vacinação infantil, conduzindo à ampliação da cobertura vacinal, redução da evasão e do absenteísmo que levam ao aprimoramento das estratégias de promoção à saúde da criança.

Diante disso, este estudo objetiva identificar as ações de enfermagem na sala de vacina e descrever o conhecimento das mães/cuidadores acerca da vacinação infantil.

METODOLOGIA

Estudo exploratório e descritivo com abordagem quantitativa desenvolvido em duas Unidades de

Saúde da Família situadas na Zona Oeste do município de Natal/RN. A população deste estudo foi composta por 6 (seis) técnicos de enfermagem, 4 (quatro) enfermeiros e 43 (quarenta e três) mães/cuidadores.

Os técnicos de enfermagem que participaram da pesquisa foram aqueles que exerciam diariamente atividades na sala de vacinação, e os enfermeiros foram os que trabalham na unidade de saúde, ambos consentiram em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As duas unidades de saúde foram selecionadas para o estudo por serem campo prático e referência para estágios supervisionados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no que se refere à saúde da família e a todos os programas ministeriais por ele coordenados. A fim de selecionar a população das mães/cuidadores participantes foi constituída uma amostra intencional composta por aquelas que compareceram as unidades básicas de saúde para efetuar a vacinação da criança, aleatoriamente, no período de novembro a dezembro de 2008. A realização das entrevistas com as mães/cuidadores participantes da pesquisa ocorreu de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ter filhos com idade entre 0 e 10 anos; comparecer a unidade para vacinar o filho.

Nos referidos meses a coleta de dados ocorreu, no período de segunda a sexta-feira entre os turnos matutinos e vespertinos, concomitantemente as duas unidades de saúde por equipes constituídas pelos próprios pesquisadores. As entrevistas com as mães/cuidadores foram realizadas imediatamente após a aplicação da vacina, individualmente, nas dependências da unidade de saúde.

Em relação aos instrumentos da pesquisa, foram utilizados um questionário e um formulário de entrevista semi-estruturada, compostos por perguntas abertas e fechadas. O questionário foi respondido pelos enfermeiros e técnicos de enfermagem e consta de questões sobre a caracterização profissional, conhecimento das mães sobre as doenças

imunopreveníveis na opinião dos profissionais da enfermagem, orientações fornecidas às mães na sala de vacinação, processo de trabalho na sala de vacinação. O formulário de entrevista destinou-se às mães/cuidadores e consta de questões que contemplam a caracterização social, e o conhecimento das mães sobre a vacinação: quais vacinas que a criança tomou? Para que serve a vacina que foi administrada? Quais as orientações recebidas? O que observa em seu filho após a vacinação?

A coleta de dados aconteceu após a autorização da instituição, apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN sob Protocolo nº 077/2008, conforme a normatização da Resolução 196/96⁽⁸⁾, referente aos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Em seguida, os instrumentos foram submetidos a um pré-teste, a fim de aprimorar a sua aplicabilidade. A coleta dos dados iniciou com a coleta das assinaturas e/ou impressões datiloscópicas dos participantes, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação de forma voluntária, a entrega dos questionários aos profissionais de enfermagem e a entrevista na instituição com as mães/cuidadores.

Os dados foram tratados pela estatística descritiva em números absolutos e relativos sendo descritos, apresentados em tabela e discutidos conforme literatura pertinente ao tema.

RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Participaram da pesquisa quatro enfermeiras responsáveis pela sala de vacinação, por meio de um sistema de rodízio mensal; com faixa etária de 42 a 45 anos de idade e de 17 a 23 anos de profissão. Quanto ao grau de escolaridade, duas possuíam pós-graduação *lato sensu*.

Com relação aos outros membros da equipe de enfermagem atuantes na sala de vacinação, foram

entrevistados quatro técnicos e dois auxiliares de enfermagem; ambos do sexo feminino; com idade entre 39 e 62 anos.

Os quarenta e três responsáveis pelas crianças vacinadas, que participaram da pesquisa eram do sexo feminino, sendo trinta e oito mães (88,4%), duas avós (4,7%), uma amiga da mãe da criança (2,3%) e duas tias (4,7%). Quanto à escolaridade das participantes dezenove (44,%) não haviam concluído o ensino fundamental, onze (25,6%) possuíam o ensino médio completo e apenas duas concluíram o ensino superior.

A prática de enfermagem na sala de vacinação

Com relação aos fazeres da enfermagem na sala de vacinação, as enfermeiras afirmaram que os objetos de trabalho na sala de vacina são, além da administração das doses, a solicitação mensal das vacinas, a limpeza quinzenal da geladeira, ações educativas com as mães/responsáveis e o mapa mensal de doses aplicadas. Apenas uma das enfermeiras assinou que o registro em prontuário também é um dos objetos de trabalho.

As técnicas de enfermagem apontaram que as atividades mais realizadas na sala de vacinação são a administração de vacinas, a limpeza quinzenal da geladeira, o registro no prontuário, anotação no livro e o mapa mensal. Apenas duas referiram a solicitação mensal de vacinas, e uma as ações educativas. Observa-se que há concordância na maioria das respostas dos profissionais da equipe de enfermagem, embora a atividade educativa não esteja presente na prática das técnicas envolvidas no processo de imunização. As quais justificam a não realização das ações educativas, por terem pouco tempo e ser apenas uma funcionária, além do espaço físico restrito.

Quanto às atividades desenvolvidas pelas técnicas de enfermagem na sala de vacinas: quatro técnicas não apontaram a ação educativa como atividade desenvolvida na sala de vacina, entretanto três destas asseguraram que explicam a importância da vacina e da

prevenção para as crianças, e uma afirmou que aborda sobre os cuidados pós-vacinação, diante de eventos adversos. Desta forma, é notória uma compreensão conceitual equivocada das técnicas de enfermagem, tendo em vistas que na concepção delas a explicação sobre os eventos adversos não é trabalho educativo.

Com relação à ação educativa realizada pelos enfermeiros, as quatro enfermeiras não consideraram que esta atividade, deva ser realizada, exclusivamente na sala de vacinação. Afirmando que esse instrumento é utilizado em outros atendimentos na UBSF como no acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento da criança, grupos de gestantes e visitas domiciliares. E que durante esses trabalhos educativos, as mães são informadas quanto ao calendário vacinal, objetivo das vacinas e condutas diante das reações adversas e gravidade das doenças imunopreveníveis. Compreendendo nesse contexto que, as ações de educação em saúde sobre vacinação devem ocorrer em todos os espaços, onde há mães/cuidadores e crianças, de modo que as atividades educativas não sejam limitadas apenas aos setores.

Ainda são apontados pelas enfermeiras como os principais problemas vivenciados no processo de vacinação, a administração incorreta das vacinas, os problemas estruturais das unidades de saúde, as reações adversas apresentadas pelas crianças e a perda das vacinas.

Percepção das mães e/ou cuidadores sobre vacinação x ações da enfermagem no processo de vacinação

Tabela 1 — Orientações e/ou informações recebidas pelas mães/cuidadores sobre o processo de vacinação. Natal, RN, Brasil, 2010

Orientações/ Informações sobre vacinas	N	%
Conduta diante das reações adversas	20	46,5%
Não receberam orientações	13	30,2%
Vacinas administradas	06	14,0%
Aprazamento	4	9,3%
Total	43	100%

A Tabela 1 apresenta as orientações/informações recebidas pelas mães/cuidadores na sala de vacinação, do total de mães que participaram do estudo 20 (46,5%) tiveram informações úteis quanto às condutas frente às reações adversas. Mas 13 (30,2%) delas não receberam orientações em relação aos cuidados à criança pós-vacinal. Apenas 6 (14%) das entrevistadas souberam informar qual vacina havia sido administrada na criança.

As técnicas de enfermagem ao serem indagadas sobre as orientações fornecidas às mães na sala de vacina evidenciaram resposta semelhante às entrevistadas, restringindo as orientações feitas às mães às condutas realizadas diante das reações adversas, principalmente, quanto ao uso de compressa no local da vacina e antitérmico.

As profissionais enfermeiras, por sua vez, referiram uma participação indireta no processo de vacinação, que acontece fora da sala de vacina, uma vez que cabe a este profissional capacitar a equipe para uma ação educativa; e supervisioná-la para que o processo de trabalho seja harmonioso, incentivando a adoção de novos hábitos educativos, e visando, assim, a inserção da mãe/cuidador no processo de cuidado à criança, na perspectiva de promoção à saúde.

Quando perguntado sobre qual profissional responsável pelas informações dadas as mães, 26 (60,5%) mães e/ou cuidadores apontaram o técnico de enfermagem, o que se justifica pelo fato deste atuar de forma direta com a mãe/cuidador durante a administração das vacinas.

Quanto ao conhecimento das mães sobre o processo de vacinação, 69,8% das mães e/ou responsáveis não sabem para qual doença as crianças foram imunizadas, indicando uma falha no processo comunicativo da enfermagem durante a vacinação. Apenas 13 (30,2%) das entrevistadas souberam informar qual doença é evitada pela vacina administrada.

Na opinião dos profissionais de enfermagem, 3 (75,0%) enfermeiras e 4 (66,6%) técnicas de enfermagem afirmam que as mães não sabem para quais

doenças seus filhos são imunizados, atribuindo esse desconhecimento a educação precária das responsáveis pela criança. Contudo, as enfermeiras reconhecem ainda que enquanto profissionais também são responsáveis por esse desconhecimento das mães/cuidadores, uma vez que não as orientam no processo de vacinação.

O cumprimento por parte das mães ao aprazamento dos cartões e os questionamentos realizados por estas sobre as vacinas são associados por uma (25,0%) enfermeira e 2 (33,3%) técnicas ao conhecimento que a mãe possui sobre as doenças imunopreveníveis.

Quanto à finalidade da vacinação, a maioria das mães/cuidadores 38 (88,4%) está ciente de que se trata da prevenção de doenças, mesmo sem saber quais são as doenças. Para 4 (9,3%) mães a vacinação tem como fim a saúde da criança. Já 5 (83,3%) técnicas de enfermagem e 3 (75%) enfermeiras responderam que o trabalho de vacinação tem o intuito de evitar doenças imunopreveníveis.

DISCUSSÃO

Os dados referentes ao fazer dos profissionais de enfermagem e aos conhecimentos das mães sobre a vacinação demonstram similaridade aos achados de outro estudo, que aponta a restrição do profissional à execução da técnica de administração das vacinas e à orientação mínima com relação aos efeitos adversos, deixando de estabelecer um processo comunicativo com a mãe⁽⁹⁾.

Sobre esse aspecto, a restrição do fazer de enfermagem as ações tecnicistas e de administração do serviço com uma menor ênfase nas práticas educativas denota um afastamento da essência e núcleo de competência da enfermagem, o cuidado. Esse, compreende aspectos das relações humanas sendo realizado através de ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde responsabilizando-se pelo conforto, acolhimento e bem estar dos clientes^(4,10-11).

Contudo, nos achados deste estudo é perceptível que os profissionais não desenvolvem, como deveriam, práticas educativas em saúde. O que é refletido no pouco conhecimento das mães sobre as vacinas, eventos adversos e cuidados pós vacinais. Tendo em vista que o aprendizado proporcionado pelo serviço está direcionado a um saber sobre o caráter preventivo e as condutas a serem adotadas em casos de efeitos adversos.

Sendo evidenciada uma concepção tradicional de educação por parte da equipe de enfermagem, onde os usuários recebem informações de forma verticalizada de caráter curativo, sem a valorização dos seus saberes⁽¹²⁻¹³⁾.

O pouco conhecimento materno e as práticas ainda impositivas dos profissionais de enfermagem revelam uma série de desafios a serem enfrentados no fazer desses profissionais, ao se buscar transferir o conceito de educação em saúde para a prática⁽¹⁴⁻¹⁵⁾. À medida que a educação em saúde constitui-se um importante instrumento para a promoção da qualidade de vida, busca-se superar a conceitualização biomédica da assistência a saúde e envolve-se os multideterminantes do processo saúde-doença⁽¹⁴⁾.

A busca pela prática ampliada do processo educativo relacionado à vacinação está expressa no fazer das enfermeiras que buscam viabilizar o acontecimento dessas ações em outros espaços além da sala de vacinação, sejam eles intra ou extra muros do serviço de saúde (visitas domiciliares, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança, dentre outros). No entanto, ampliar a oferta de atividades educativas nem sempre implica em promover os conhecimentos da população acerca do tema e esse pouco conhecimento dos usuários passa a ser também de responsabilidade da enfermagem em decorrência da qualidade da prática educativa fornecida⁽¹³⁾.

Na estratégia saúde da família, o foco das ações está em dar ênfase à família para que esta possa cuidar das necessidades de seus membros no processo saúde-doença, porém percebe-se, em alguns momen-

tos, uma carência de saberes do enfermeiro para atuar junto à família, pois utilizam estratégias, como a visita domiciliar, a educação em saúde e o acolhimento, marcados pelo modelo tradicional, curativo e individual da assistência⁽¹²⁾.

O desenvolvimento das ações de prevenção de doenças e promoção da saúde esbarra no modelo de saúde ainda vigente nos serviços de saúde, isto é, o modelo médico curativista, que paradoxalmente exige dos profissionais a produção de serviços quantificados. Visando a superação desse modelo, uma das diretrizes da estratégia saúde da família orienta a participação comunitária e o controle social, como ferramenta para o alcance dos princípios do SUS. Neste sentido, outra implicação para a prática de enfermagem é a promoção de condições e o estímulo a participação dos usuários nos processos educativos, assim como no planejamento e na avaliação da assistência⁽¹²⁾.

Para o alcance desse objetivo de integração da participação dos usuários no processo educativo é necessário primariamente uma reforma de pensamento no processo de consecução da prática educativa dos profissionais de enfermagem⁽¹⁶⁾. Por não ser pertinente tentar transformar a prática educativa, sem inicialmente despertar nos atores desse processo a necessidade de uma prática participativa, problematizadora, pautada nos princípios de promoção da saúde e que busque a conscientização dos sujeitos^(13,17).

Dessa forma, o fornecimento das informações sobre a vacina a ser administrada e os benefícios para a saúde da criança deve ser feito da forma problematizadora, utilizando método de educação popular. Assim, haverá adesão da mãe/cuidador ao cumprimento do calendário vacinal, já que muitas vezes elas buscam esse serviço por causa da exigência dos programas sociais.

Outro fator associado à pertinência de um processo educativo consistente aos cuidadores das crianças a serem vacinadas é a baixa escolaridade da população materna em estudo, tendo em vista a evidência

de pesquisas que relacionam à baixa cobertura vacinal das crianças a baixa escolaridade, identificando que as mães com maior nível de escolaridade tendem a utilizar e ter acesso aos serviços de saúde de forma mais efetiva, interagindo com os profissionais e compreendendo melhor as mensagens educativas com relação à saúde dos seus filhos⁽¹⁸⁾.

O que pressupõe ao profissional a necessidade de uma gama de saberes específicos, instrumentos e meios para organizar o seu processo de trabalho com vistas a atender as demandas de saúde da população com as características referidas⁽¹⁹⁾.

CONCLUSÃO

Apesar da elevada contribuição das vacinas à saúde pública, o distanciamento dos profissionais da enfermagem ao processo educativo das mães e a presença reduzida dos enfermeiros na sala de vacinação podem ser considerados um dos entraves em relação ao processo de vacinação que acontece nas Unidades Básicas de Saúde do nosso país. Já que se observou que esses profissionais mantêm a dicotomia entre a prática de procedimentos técnicos de enfermagem e a educação em saúde, as quais deveriam estar integradas durante a execução do processo de imunização. Dessa forma, tal fato pode conduzir as mães/cuidadores ao descumprimento da vacinação periódica e evadir o processo de vacinação, uma vez que estas têm pouca compreensão sobre as reais finalidades desse processo.

Entretanto, percebe-se nos resultados desse estudo, que a educação em saúde sobre a vacinação não ocorre em um espaço limitado, mas em todos os espaços, onde há crianças e mães/cuidadores, conforme evidenciado pelos enfermeiros. Principalmente, nos espaços de acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento da criança, no qual os enfermeiros investem maior tempo desenvolvendo atividades que visam a promoção à saúde e a prevenção das doenças; como também nas escolas e nos lugares onde ocorrem as atividades com grupos de mães e idosos.

Neste contexto, é preciso ressaltar a importância da educação problematizadora em saúde, como um processo de comunicação e diálogo que pode levar à conscientização dos seres humanos, conduzindo-os, assim, a agir criticamente na sociedade em que vivem.

Na consecução desses objetivos de mudanças da realidade pautados na educação, é necessário, portanto, fornecer subsídios aos profissionais de enfermagem a buscarem, não somente, conhecimentos técnico-científicos, mas também conhecimentos interdisciplinares para executar seu trabalho através do diálogo constante com os usuários, com vistas à promoção da saúde da criança.

REFERÊNCIAS

1. Temporão JG. O Programa Nacional de Imunizações (PNI): origens e desenvolvimento. *Hist Ciênc Saúde-Manguinhos* 2003; 10(2):601-17.
2. Paulo EF. Oportunidades perdidas de vacinação em crianças menores de dois anos de idade, ocorridas nas salas de vacinação, das unidades de saúde da região norte do município de São Paulo [dissertação]. São Paulo (SP): Coordenadoria de Controle de Doenças, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2010.
3. Ramos CE, Paixão JGM, Donza FCS, Silva AMP, Caçador DF, Dias VDV, et al. Cumprimento do calendário de vacinação de crianças em uma unidade de saúde da família. *Rev Pan-Amaz Saúde*. 2010; 1(2):9-14.
4. Barbosa MA, Medeiros M, Prado MA, Bachion MM, Brasil VV. Reflexões sobre o trabalho do enfermeiro em saúde coletiva. *Rev. Eletron Enferm*. [periódico na Internet] 2004 [citado 2010 ago 11]; 6(1):9-15. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_1/pdf/f1_coletiva.pdf.
5. Sousa SLP, Monteiro AI, Enders BC, Menezes RMP. O enfermeiro na sala de vacinação: uma análise reflexiva da prática. *Rev Rene*. 2003; 4(2):95-102.

6. Albuquerque PC, Stotz EN. Popular education in primary care: in search of comprehensive health care. *Interface Comunic Saúde Educ.* 2004; 8(15):259-74.
7. Figueiredo GLA, Mello DE. Nursing communication in the follow-up of children in primary health care. In: *Proceedings of the 8. São Paulo: Brazilian Nursing Communication Symposium; 2002.*
8. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.
9. Vasconcelos EM. Educação popular nos serviços de saúde. 5ª ed. ampl. São Paulo: Hucitec; 1997.
10. Rocha SMM, Almeida MCP. O processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva e a transdisciplinaridade. *Rev Latino-am Enferm.* 2000; 8(6):96-101.
11. Matumoto S, Mishima SM, Pinto IC. Saúde coletiva: um desafio para a enfermagem. *Cad Saúde Pública.* 2001; 17(1):233-41.
12. Oliveira RG, Marcon SS. Trabalhar com famílias no Programa de Saúde da Família: a prática do enfermeiro em Maringá-Paraná. *Rev Esc Enferm USP* 2007; 41(1):65-72.
13. Fernandes MCP, Backes VMS. Educação em saúde: perspectivas de uma equipe da Estratégia Saúde da Família sob a óptica de Paulo Freire. *Rev Bras Enferm.* 2010; 63(4): 567-73.
14. Sousa LB, Torres CA, Pinheiro PNC, Pinheiro AKB. Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da Enfermagem. *Rev Enferm UERJ.* 2010; 18(1)55-60.
15. Silva CMC, Meneghim MCastro, Pereira ACarlos, Mialhe FL. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. *Ciênc. Saúde Coletiva* 2010; 15(5):2539-50.
16. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.
17. Freire P. Educação de adultos, hoje: algumas reflexões. In: Freire P. *Política e educação: ensaios.* 5ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.
18. Silva AAM, Gomes UA, Tonial SR, Silva RA. Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não-vacinação em localidade urbana do Nordeste brasileiro, 1994. *Rev Saúde Pública.* 1999; 33(2):147-56.
19. Nascimento MS, Nascimento MAA. Prática da enfermeira no Programa Saúde da Família: a interface da vigilância da saúde versus as ações programáticas em saúde. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2005; 10(2):333-45.

RECEBIDO: 02/08/2010

ACEITO: 05/11/2010